

A leitura da poesia de Francisco Rodrigues Lobo por Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre | cristina.nobre@ipleiria.pt | ESECS/IPL | CICS-Nova IPL

RESUMO: Afonso Lopes Vieira fez a receção literária da poesia de Francisco Rodrigues Lobo para o século XX, numa antologia com intenção de o colocar num lugar cimeiro da literatura portuguesa. Comparação entre a posição antissistema e dissimulada de Lopes Vieira e a de Rodrigues Lobo. Estudo das escolhas/seleções feitas entre a trilogia novelística e as éclogas, e seu potencial significado. O “Prefácio” da antologia, bem como as notas manuscritas a ele destinadas, como um dos primeiros exemplos de crítica literária reabilitadora.

PALAVRAS-CHAVE: poesia selecionada de Francisco Rodrigues Lobo; receção literária de Afonso Lopes Vieira

ABSTRACT: Afonso Lopes Vieira made a literary reception from Francisco Rodrigues Lobo’s poetry to the XX century: an anthology that pretend to put him at a high place in Portuguese literature. Parallel between antisystem and *dissimulatio* Lopes Vieira’s position and Rodrigues Lobo. Study of the choices/selections made among the novelistic trilogy and eclogues, and potential meaning. Anthology “Preface”, as well as the manuscripts notes, as one of the first examples of rehabilitative literary criticism.

KEY-WORDS: selected poetry from Francisco Rodrigues Lobo; Afonso Lopes Vieira’s literary reception

A leitura da poesia de Francisco Rodrigues Lobo

por Afonso Lopes Vieira

Livros e autores andam à mercê da simpatia e gosto do público. *Habent sua fata libelli*: fado e fado vário. Uns, mal conseguem vencer a indiferença dos coetâneos, e só dos pósteros recebem agrado; outros, vitoriados ao vir a lume, vão cedo ou tarde com o autor à sepultura, envolvidos no pó das coisas mortas. Ao homem de letras toca uma vida póstuma, às vezes mais acidentada do que a vida real: uma curva evolutiva com altas de favor e baixas de esquecimento, até que se conquiste ou se perca a imortalidade, até que se fixe de vez a craveira do seu apreço crítico. A glória é, como todos os valores, de cotação oscilante no mercado literário. [...]

Ricardo Jorge, 1920: 405

0. POETA LEITOR DE POETA

[...] há derramados pela *Primavera*, *Pastor Peregrino*, etc., pedaços líricos de uma grande beleza, romances excelentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Garrett, 1904: 19

Afonso Lopes Vieira (1878-1946) deixou anotado num dos seus vários manuscritos, guardados na caixa arredondada de charão vermelho pertencente ao espólio da Biblioteca Municipal de Leiria [BML], que *a glória é uma coisa vã*; Ricardo Jorge, em 1920, no prefácio do fundamental estudo biográfico e crítico sobre Francisco Rodrigues Lobo invocava o direito de não ser lido, por *não ser de aplauso que carecia* (Jorge, 1920: IX). Talvez aqui se concentrem dois conceitos diferentes, aplicáveis à arte da literatura e à arte da crítica. O artista/escritor morre para a posteridade se deixar de ser lido; já o mesmo não se passa com o crítico literário, embora possa desempenhar um importante papel no reconhecimento e canonização pelo sistema literário do autor investigado.

Quando, em 1940, Afonso Lopes Vieira seleciona, prefacia, anota e publica uma antologia com as *Poesias* de Francisco Rodrigues Lobo (ca. 1574-1621), estava a desempenhar o papel de crítico literário, sem poder deixar de ser o poeta reconhecido que então já era. Há alguns pontos comuns interessantes entre estes dois escritores, separados

na data da morte por 325 anos: ambos nasceram em Leiria, tendo alcançado notoriedade em Lisboa (ou outros locais onde as elites da época se concentrassem, como Coimbra, Porto, Guimarães ou Évora, Vila Viçosa, Penacova), e nenhum teve filhos. Rodrigues Lobo teria uma ascendência judaica/cristã-nova, e há alguns indícios de que o mesmo acontecia com Lopes Vieira (vd. Barreira, 1986). A atual escola secundária Francisco Rodrigues Lobo fica na rua Afonso Lopes Vieira, em Leiria.

Camões foi (ainda é?) a grande sombra sob a qual Rodrigues Lobo seria lido; Pessoa cruzou-se em vida, invisível, com Lopes Vieira e assombrou desmesuradamente a leitura que, depois da sua morte, dele tem sido feita. Ambos tiveram glória em vida e sucesso no mercado literário, tornando-se depois quase desconhecidos, fora de episódicas inscrições nos manuais escolares ou dos interesses regionais. Continua-se, de um modo romântico, a fazer prevalecer o ideal de ‘génios da poesia’, ainda sem muitos critérios além do sucessivo e crescente número de leitores.

Tentarei mostrar como é tão difícil renunciar a esta lei implacável da ‘mensurabilidade’ artística e como nem sempre um poeta a ler outro poeta ganha em clarividência na exposição das suas preferências.

1. OLHAR DO SÉCULO XX SOBRE Francisco Rodrigues Lobo

Cortesão, homem de lúcido entendimento, experimentou Rodrigues Lobo dar pasto às imaginações da época, com as peripécias, quase todas interiorizadas em dor e desenganos, que descreveu nas suas novelas e evocou nas poesias ali contidas. Em sincronismo com a estesia dos seus contemporâneos à efemeridade da vida e ao desengano tornou-se pregador de verdades honestas. Mas foi, com certeza, movido a esta pregação por um cepticismo pessoal, nascido de encontros e desencontros que o ‘assinalaram’. Entretanto socorreu-se, para se exprimir, das concepções literárias em voga: menosprezo da vida da corte, ensandecimento por amor, etc.

Neste feixe de perspectivas sociológicas, pessoais, literárias e intencionais onde se deve situar a obra bucólica de Rodrigues Lobo? Fuga da vida real, a poesia e as novelas pastoris? De certo modo sim. Em todas as épocas de crise ou nostalgia de um passado deveria então reflorir a literatura bucólica...

O seguinte autógrafo manuscrito mostra bem como o jovem Lopes Vieira percebeu a importância do distanciamento, geográfico e temporal, na compreensão e avaliação da arte literária: “A convenção das nossas admirações. Só anos depois de sair de Coimbra, eu comecei a entender os Sonetos de Antero. E todos lá os admirávamos...” (*apud* Nobre, 2005: II, 249).

Os interesses literários juvenis de Afonso Lopes Vieira foram, sem dúvida, Camões e Garrett, e tem sido rotulado como oscilando entre um ideal neorromântico, como o ‘neo-Garrett’ ligado ao movimento do Saudosismo, e um ideal clássico, virado para o panteísmo da Natureza (marítima e pinhal d’el-Rei) e o movimento Vitalista. Logo no seu segundo livro de poesia, *Náufrago. Versos Lusitanos*, de 1898, as citações exibidas como um portal eram de Camões, Bernardim Ribeiro e Garrett, e em 1899 edita uma “Ode a Garrett” e um folheto de 8 páginas, *Versos de Garrett*. Idêntico folheto de 8 páginas, *Versos de Camões*, aparecerá em 1910 e, logo em 1911 o *Hino a Camões. Para as crianças portuguesas*. Em 1915 está registada a conferência “Camões, escolar”. Apenas o tempo dedicado à *Campanha Vicentina* (1914) parece ter mediado, dramaticamente, esta identificação com Camões. E o apogeu viria a ser o ano de 1928 com a edição de ‘*Os Lusíadas*’ de Luís de Camões (2.^a edição em 1931), em conjunto com José Maria Rodrigues – seguida em 1932 da edição crítica da *Lírica de Camões* – com uma missão mediática de divulgação no Brasil, que provavelmente só seria fechada com a forte e polémica visão crítica da conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa (sobre a presidência de António Ferro), em 1940, “O Carácter de Camões”. A mesma presença camoniana escolhida para intitular o último livro de versos *Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa* (1940), inscrita em pedra na parede poente da sua casa de S. Pedro de Moel...

As campanhas que leva a cabo para ressuscitar o cânone da literatura portuguesa e peninsular, revelados com o *Romance de Amadis*, de 1922, *A Diana de Jorge de Montemor*, de 1924, e a adaptação da gesta *O Poema do Cid. Versão em prosa da gesta castelhana do séc. XII 'Cantar de Mio Cid'*, publicado em fascículos na revista *Lusitânia* entre 1924-27 e como volume autónomo em 1929, revela-nos a sua faceta pedagógica e de crítico literário, com vontade de deixar inscrita a sua leitura do mundo artístico de que se sentia herdeiro. Talvez a anotação manuscrita – “Os livros belos... os túmulos sublimes da Belêza...” (*apud* Nobre, 2005: II, 273) – deixe entrever uma determinação em ajudar a dar imortalidade a alguns desses belos livros.

A pergunta seguinte impõe-se: e qual o papel de Francisco Rodrigues Lobo nesse manancial de portugalidade e de poesia (não esqueçamos a conferência de 1910, “O povo e os poetas portugueses”)? Esquecido ou ressuscitado em campanha?

2. CONFRONTO COM O SISTEMA

O recurso ao criptónimo é já de si o mais eficaz informante confirmativo da natureza alusivamente fantasma-autobiográfica do discurso da novelística de Lobo, porque o ‘criptónimo’ é uma *alegoria* onomástica, com potencial de referencialidade extratextual (e também intratextual) e que, por razão da sua capacidade para disfarçar *personificações*, se valida defensivamente, não só jurídica como socio-culturalmente. [...] Por outro lado, o *criptónimo*, como espécie de ‘*nome falante*’ (e a escolha do criptónimo implica sempre explicativamente uma referencialidade de chave interpretativa, mesmo se vaga ou completamente cerrada) [...]

Pousão-Smith, 2008: II, 257

Acredito que tenha sido o confronto com o sistema político e social, depois do estranho e rocambolesco episódio que fez Lopes Vieira regressar de Angola a Portugal, em 1932, enquanto conferencista convidado da diplomática viagem a África. O escritor pronuncia as conferências planeadas em Angola — “A Fé e o Império” (em 28 de junho) e “Camões, o poeta de além mar” (em 1 de julho) — mas um grave diferendo com Henrique Galvão,

então diretor das Feiras de Amostras de Luanda e de Lourenço Marques e representante do ministro das Colónias, impede-o de prosseguir viagem até Moçambique.

Desembarcado em Portugal, em vez do planeado *Portugal de Além*, que gostaria de escrever, faz publicar, em edição de autor, um *Relatório e Contas da Minha Viagem a Angola* (1932)¹. Henrique Galvão responde, também em edição de autor, com um folheto do mesmo ano, intitulado *O Poeta Lopes Vieira em África e o seu Relatório*, e o conflito corria o risco de se eternizar se o escritor tivesse aceitado o conselho de diversos amigos, entre os quais Hipólito Raposo e Alfredo Cortez, de apresentar um "Protesto de Desagravo", que juntasse os amigos de Lopes Vieira e ao qual fosse dada publicidade nos jornais. É o horror por uma intimidade exposta que vence, mas o episódio magoa profundamente o escritor que resolve abandonar Lisboa por uns tempos e instalar-se num *exílio voluntário e necessário*² na quinta das Cortes e na casa de S. Pedro de Moel³.

¹ No espólio da BML encontra-se um artigo intitulado "Afonso Lopes Vieira", do jornal *Revolução — diário Nacionalista da tarde*, n.º 143, de 26 de agosto de 1932, onde aparece a transcrição do último capítulo do RCVA, que foi visado pela censura, pois aparece riscado a lápis azul: "[...] É deveras lamentável que o ilustre escritor se veja forçado a perder o seu tempo e a sua prosa plasticamente impecável a tratar de assuntos <e> de <peessoas> tão pouco <merecedoras> de interêsse." [BML, C17, n.º 33816].

² Em carta, datada de 12 de novembro de 1933, enviada das Cortes para Alfredo Cortez, ALV dirá: "[...] Eu, neste exílio necessário a quem tem de comprar o q. herdou, tenho saudades de raras criaturas — e uma delas é Você. [...]" e, em postal, datado de 22 de agosto de 1934, e enviado de S. Pedro de Moel, dirá: "[...] Esta longa ausência de Lisboa tem-me feito estimar mais e melhor alguns — *muito poucos* — e você é um deles. Aceite, pois, um estreito abraço meu, enquanto lho não dou aqui neste ermitério, e creia-me *et nunc et semper* seu § amigo fiel e admirador sincero § AfonsoLV" [BNP, esp. N4 / 103 e N4 / 104]. Em carta dirigida a Carlos de Passos, com carimbo de 26 de junho de 1936, ainda dirá: "Meu caro Carlos de Passos § Estes últimos três anos, em q. tenho feito uma cura de solidão e de higiene espiritual a q. V. atribui uma elegância q. me desvanece pela benevolência com q. a encara, têm-me feito também mais amigo dos meus Amigos — dos verdadeiros e raros. Ora de V. não guardo senão lembranças amáveis, por sinal q. pouco bem retribuídas da mnh.^a parte. [...]" [BMP, M-CP-604 (12)].

³ Em carta de 27 de julho de 1936, Agostinho de Campos faz o seguinte comentário a esse exílio de ALV: "[...] Quanto à posição de exilado acho-a sempre invejável, mas não para muito mais longe do que S. Pedro de Moel ou Cortes. Dentro de cada um de nós, quando somos espaçosos, há sempre espaço bastante para a

Construindo de si mesmo uma imagem melancólica de desalento, recorre à escrita, um certo processo de libertação e sublimação através do qual se pode permitir brincar com tudo o que profundamente o incomoda nesses anos de exílio. Resultante deste doloroso (e dourado...) exílio, dentro de um registo irónico, embora trágico, é a obra *sui generis* — *Éclogas de agora* [EA], de setembro-outubro de 1935 — de que se conhecem pouquíssimos exemplares, por se tratar de uma edição de autor que nunca chegou às bancas das livrarias e apenas passou de mão em mão⁴. O teor crítico e satírico contra o

Pátria e para o desterro. [...] [BML, *Cartas [...]*, vol. XI]. O brasileiro Rebelo Gonçalves, em carta de 8 de março de 1936, comenta palavras que recebera de ALV sobre o tema do exílio: "[...] Tem V. Ex.^a razão no que me diz sobre exílios. Eu também penso que se pode ser mais português *lá fora* que *cá dentro*, numa época em que até para ser português é preciso pedir licença... [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. XIV].

⁴ O que não impediu que ALV lhe procurasse dar os cuidados gráficos exemplares, característicos das suas obras. No espólio da BML, encontra-se um rascunho de ALV, constituído por 2 fs. ms., para enviar a José Dinis Vieira / Leiria, e para ser executado por Manuel Barrias, com indicações precisas sobre o papel, formato e tipo de letra a empregar em EA, bem como um esboço do desenho pretendido para a capa que julgo da sua autoria. Nesse esboço, por baixo da figura de um pastor, manuscreeve a seguinte legenda: "guardados pela morte"; e, por baixo da cercadura do desenho, escreve: "ao modo dos folhetos de cordel" [BML, B118, n.º 33660]. Ver II vol. da tese, Parte II. 9. *Poemas e apontamentos diversos*, n.º 48, p. 249, onde se reproduz esse documento. Mourão-Ferreira, referindo-se à edição das EA, dá as seguintes informações: "[...] Editando-as a suas expensas, com o seu nome bem claramente impresso na capa, com a explícita indicação, também, de que o editor era o próprio autor, mas sem menção da tipografia onde o trabalho se realizara — a fim de evitar, obviamente, incómodos a terceiros —, ALV só não terá cometido a inútil imprudência de pôr o folheto à venda (para quê provocar a sua imediata e maciça apreensão?); mas, em contrapartida, dele fez, segundo sei, uma tão larga distribuição por amigos e conhecidos, amigos de conhecidos e conhecidos de amigos, que bem se pode dizer ter corrido assim todos os demais riscos que a empresa implicava. E só haverá uma explicação para o facto de o seu autor não ter chegado a ser preso por essa vez: a críptica linguagem utilizada, que não tornava transparentes, a um largo público, as alusões que lá se faziam." (Mourão-Ferreira, 1979: p. 132). Num postal para Antero de Figueiredo, datado de 31 de julho de 1936, ALV dá uma explicação diferente da de Mourão-Ferreira para a não publicação das EA, e confirma o processo de circulação do texto: "[...] Mandar-lhe-ia com gosto as *Éclogas* se não tivesse apenas um exemplar e imensa dificuldade em obter outros. Os sucessos do mundo e sobre tudo os de Espanha criam-me graves escrúpulos em publicar este panfleto assaz cruel. Mas, no meu regresso a Lisboa, publique ou não, decerto lhe mandarei, por amizade e dever, um exemplar da obra do *poète maudit*. Até lá. [...]" [BMP, M-AF-3]. A mesma justificação é dada a Agostinho de Campos, a quem escreve em 15 de julho de 1936, hesitante sobre a publicação dos versos, incomodado com a guerra civil espanhola, que começara

regime político do Estado Novo transformá-la-ia em objeto rapidamente obliterado pela Censura. Neste folheto de 36 páginas, "um dos primeiros espécimes, se não do primeiro [...] daquilo a que muito depois viria a chamar-se a 'poesia de resistência' contra o regime instaurado em 1926 [...]" (Mourão-Ferreira, 1979: 132), Lopes Vieira revela um certo espírito de resistência e oposição ao Estado Novo, "uma vontade anti-totalitária, um grito de revolta, uma intenção de mudança" (Barreira, 1986: 7).

Servindo-se de um registo bucólico e ultrapassado, que admirava profundamente em Francisco Rodrigues Lobo, e de uma série de criptónimos (seguindo as próprias leis do género, mas cuja chave de leitura possuímos)⁵, inscreve-se na contemporaneidade com o

nesse mês e invejando uma situação de exilado que gostaria de fazer sua e que a publicação da recolha implicaria: "[...] Eu tinha uns versos para lhe mandar, mas suspendi a publicação por escrúpulos de consciência em vista de Espanha e do Mundo. Tenho pena porq. êsse lirismo granjear-me-ia pelo menos o exílio, e a posição de exilado é mt.º invejável para Portugueses. [...]" (*apud* Amaro, 1972: 37).

⁵ Existem, no espólio da BML, dois exemplares das EA, que contêm anotações manuscritas, numa caligrafia que não é a de ALV, mas sim a da sobrinha, M.^a da Luz A. W. de Andrade, onde se revelam os nomes cifrados das personagens do texto e a correspondência com personalidades da época: (p. 3) Lereno-F. R. Lobo; Lísio-rio Lis; (p. 4) Umbro-tio Afonso; Dérito-A. Cortéz Pinto; sua pastora-D. M.^a José Jordão Cortez Pinto; Lariano-Adriano Sousa Lopes; Gida-Guitte Sousa Lopes; Cândia-D. Cândida Aires de Magalhães; Alécio-Acácio de Paiva; (p. 5) nobre pastora-D. M.^a da Piedade Moreira Freire Corrêa Manoel Torres de Aboim - (minha tia bisavó) que morreu queimada na sua casa das Cortes, por ao passar num corredor, onde se encontrava no chão um ferro de engomar e atear, se ter pegado fogo ao roupão ligeiro q. vestia; pastor doce-A. Xavier Rodrigues Cordeiro, tio-avô de ALV, proprietário da casa das Cortes; Castálio-A. Feliciano de Castilho; (p. 13) Hipério-Dr. Hipólito Raposo; Viviano-ALV; (p. 15) Antonius-Dr. António Sardinha; Cordário-Adriano Xavier Cordeiro; Brácaro-Dr. Luís de Almeida Braga; Monsário-Dr. Alberto Monsaraz; (p. 16) Rebélio-Dr. José Pequito Rebelo; Lucius-Dr. Afonso Lucas; "fala na Ribeira Clara" - julgamento em Santa Clara do Dr. Hipólito Raposo, de quem ALV foi defensor; "nas brigas de além morreu perdido"- alusão à perseguição que sofreu, por ter escrito a poesia "Ao Soldado Desconhecido (morto em França)" — Março de 1921; (p. 17) Pastor-senhor D. Duarte Nuno; (p. 18) um bom velho-Henrique de Paiva Couceiro; (p. 19) ínclitos Pastores - os Reis de Portugal; Mestre-D. João I; segundo Joane-D. João II; (p. 21) Lísbio-Dr. Oliveira Salazar; Rústico-povo rural; (p. 22) Agatónio-Agatão Lança; (p. 25) Aldo-ALV; Josefo-Dr. José Pequito Rebelo; Vaqueiro-povo; (p. 27) Zigfrânia-Alemanha; zagal cesáreo-Mussolini; Lácio-Itália; "frio carril de aço"-Rússia comunista; (p. 33) "terras sêcas"-Espanha; (p. 34) "grão Roupinho"-Mousinho de Albuquerque. Excluídos os familiares, encontramos aqui nomes de

deíctico *agora*. Lopes Vieira encontra em EA um registo que lhe permite funcionar, ainda que de um modo simbólico, como crítico de um governo e de um sistema de censura e de opressão da liberdade de expressão que abominava, como cavaleiro do Graal que sempre fora, ainda que achasse o resultado "assaz cruel" e atribuísse o original ao *poète maudit*, uma espécie de *alter-ego* de si mesmo.

Com as EA, verdadeiro manifesto poético em tempo de exílio, embora continuando dentro de uma linha de "um certo aristocratismo intelectual, de um panteísmo cristão, de um democratismo intransigente e de um tudo ou nada lusitanismo rácico que herdará de António Nobre, de Alberto de Oliveira, da *Renascença Portuguesa*, etc." (Barreira, 1986: 7), Lopes Vieira assume perante a opinião pública a condição de perseguido político, defendendo intransigentemente a liberdade de imprensa e os direitos do Homem⁶.

amigos de ALV, grande parte do grupo integralista e em franca oposição ao regime de Salazar nesta década de 30, alguns exilados, outros já mortos na época.

⁶ É deveras curioso e emblemático desta posição de "perseguido político" o episódio vivido por ALV e outros nomes conhecidos da época (entre os quais José Correia Mendonça, Duarte de Almeida, D. João de Almeida, Visconde do Porto da Cruz, Hipólito Raposo), presos de 16 para 17 de novembro de 1937. Nos ANTT, nos arquivos da PIDE/DGS, no processo SPS—3252 / 1937, pode ler-se que ALV só foi detido em 17 de novembro, juntamente com Caetano Beirão e só foi solto em 24 de novembro. Esta detenção de 8 dias para averiguações aparece assim justificada: "[...] por ordem superior, [...] nesta esquadra, por pretenderem visitar o preso Henrique Paiva Couceiro." Não é, pois, de estranhar a veneração que a figura de Paiva Couceiro (1861-1944) havia de despertar num grupo de nacionalistas em litígio com a política de perseguições do Estado Novo. Gaspar Simões situa a figura de ALV nesta época, contando a sua versão deste episódio: "[...] Esteta no mais puro sentido da palavra, ALV viveu os últimos anos da sua vida, ele que fora um dos bardos que mais amorosamente cantara as tradições da grei e os valores estremes da pátria portuguesa, numa irritação crescente contra a política supostamente fiel aos princípios que ele fora dos primeiros a eleger em bússola da ideologia nacionalista. Quando o conheci acabava ele de assistir à injusta prisão do seu amigo e correligionário Paiva Couceiro. E com que indignação! De malinha aviada, contava-se em Lisboa por essa época, se apresentara na esquadra de polícia onde Paiva Couceiro fora arrecadado, e atrevido perguntara à sentinela: // — É aqui que prendem as pessoas de bem? § Ei-lo convertido no gigante Adamastor. E foi sob esse feroz cariz que desde então se apresentou aos olhos de quantos tremiam diante dos que inclusivamente ousavam encarcerar heróis como o fabuloso herói de África. [...]" (Simões, 1974: 23-4).

Não posso deixar de relacionar esta fase da sua obra e vida com a publicação em 1945 de *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* e, em 1940, de *Poesias de Francisco Rodrigues Lobo*. Só tardiamente, sexagenário, quando se viu ele próprio exilado nas Cortes e em S. Pedro de Moel, Lopes Vieira fez o ajuste com a grande qualidade do mestre seu conterrâneo, figura que iluminou o tempo seiscentista na procura do bom gosto nacional em tempo de iberismo, bem como das descrições / quadros enigmáticos que criptograficamente escondem nomes de personalidades históricas (que não tivemos a sorte de ver manuscritos à margem por nenhum(a) descendente ou admirador(a) contemporâneo(a) do poeta Rodrigues Lobo...).

Se os ajustes com os nossos demoram tempo a fazer-se (e as comemorações dos centenários, as reedições de obras, o novo fulgor no ‘mercado literário’ são momentos de clímax), a pergunta seguinte é se – amicíssimo de Ricardo Jorge – Lopes Vieira terá procurado a biografia nas poesias escolhidas, tal como José Maria Rodrigues tinha tentado fazer no estudo da *Lírica* de Camões, em 1932 (e a correspondência de Ricardo Jorge para Lopes Vieira da BML mostra como foi severamente crítico dessa estratégia crítica-biografista...).

3. DIFERENTES PERSPETIVAS DE HOMENS DE LETRAS

[...] esse novelista malgrado – [...] em verdade, esse mal apreciado grande lírico do século XVII, em minha opinião, opinião lisonjeiramente citada por Maria de Lurdes Belchior Pontes, ‘o primeiro poeta *moderno* da história da nossa poesia’, conseguiu impressionar, finalmente, um estudioso de tipo universitário. Até à data, quem melhor o estudara fora um homem de letras, um poeta da mais fina e subtil sensibilidade, o Afonso Lopes Vieira de ‘entre Lis e Lena’, conterrâneo do cantor dos campos de ‘Leiria doce, alegre e desejada’, não obstante Ricardo Jorge lhe haver consagrado um estudo biográfico do mais exaustivo que se conhece nas letras pátrias. Perdido no século XVII, o que levou Lopes Vieira a dizer dele que era ‘um quinhentista que viveu no século XVII’, a sua obra e a sua personalidade de poeta confundem-se por vezes injustamente com as dos cultores desse ‘classicismo degenerado’ que foi, em verdade, para Lopes Vieira e para mim, a poesia do século de Seiscentos.

Logo no início da sua obra pioneira sobre Francisco Rodrigues Lobo, Ricardo Jorge deixa bem explícita a sua postura anti biografista, como grande cientista que foi, dependente e subjugado pelos dados factuais objetivos relativos a qualquer fenómeno:

[...] Não queremos dar lições de lógica, nem para isso temos autoridade; importava, porém, dizer do nosso estado de espírito, agora que mais nos vamos acingir aos escritos do Lobo, a ver o que eles rendem para a dilucidação da sua vida. Estas declarações seriam aliás redundância em outro qualquer meio, não no nosso. Fique entendido que não catamos senão dados positivos, e nos livraremos de propinar sobre os romances bucólicos um romance do bucolista. (Jorge, 1920: 45)

Lopes Vieira compulsou, seguramente, a obra do mestre e amigo, que possuía; no entanto a BML apenas conserva sete registos epistolares de Ricardo Jorge, uma grande parte de 1924, sobre a publicação de *A Diana de Jorge de Montemor* e – arrisco-me a suspeitar – terá sido após as críticas de 1932 sobre *A Lírica de Camões* que as trocas epistolares terão escasseado, até porque ele viria a falecer em 1939⁷. Como homem de

⁷ As sete missivas encontram-se nos vols. VII, VIII, IX e XIV de *Cartas [...]* da BML. Transcrevo uma das epístolas:” Lx.^a, 31-12-32

Meu prezado amigo,

Venho agradecer-lhe a oferta feita por V. Ex.^a e pelo J.[osé] M.[aria] Rodrigues da Lírica de Camões. Trouxe-me o doce ensejo de reler belas páginas de poesia.

Não queria dizer-lhe o que sinto sobre a exegética da lírica e sua interpretação erótica. Se V. Ex.^a leu o que eu sempre escrevi a respeito do Roiz Lobo, saberá de ante-mão quam avêso sou às deduções autobiográficas extraídas de versos de poetas, e sobretudo dos poetas de in illo tempore. Camões / tem sido uma vítima e símbolo de tanta precaução considerar. Tendo que se ter abertura sobre os seus altos e famosos amores não passa de (?), deram-lhe admiradores pelo que ele da (?) enalteça das poesias da época e pela (?) escrever imitação dos seus.

Longe disso deve ser a consagração do coração; destes juízes, de quem a última das induções do livro me trouxe mais um exemplo. Não há ali nada que não esteja no pólo aquando da minha espertícia (?). Daí a uma / limpeza no sector para se fazerem as relações dos textos e se lhes tirem as conseqüências tudo depende da (?). Escolas ridículas (?) é o que será!

Desculpe-me a sinceridade mas devia-lh'a.

Deste seu amigo dedicado e sincero admirador

Ricardo Jorge”

honra, Lopes Vieira não podia deixar de estar ao lado de José Maria Rodrigues e comungar das suas ‘teses’, mais ou menos biografistas, propostas para a leitura dos poemas camonianos. O silêncio pode ser a única escapatória para não ferir mestres de escolas tão divergentes. A última das epístolas parece ser disso que nos dá conta:

[carta datilografada] Lx.^a, 23-2-33

Meu Excm.^o amigo,

Muito me aprouve receber e me apraz agradecer as gentilezas da sua carta hontem chegada. Quer-me consolar V. Ex.^a dos *delicta senectutis mea* – vamos com o Petrarca, substituída a juventude dele com a velhice minha.

Quanto à tese, quanto mais lhe ponho as mãos, mais ela se me desfaz nos dedos. E se porventura a ela me tivesse sentido inclinado, o prefácio e o guia me levariam a enfeitá-la, qualquer que fosse a minha vontade e complacência. Sim, com os textos e os factos é que deve fazer-se a exegética, mas apartando aprioridades subjetivas como a do esoterismo do ‘génio de Camões’, não petrarquizado. Confesso que essa percepção me não comove nem estética nem criticamente.

De V. Ex.^a mt^o grato e admirador sincero
Ricardo Jorge (BML, *Cartas [...]*, vol. XIV, n.º 18)

Importante é perceber como no “Prefácio” das *Poesias*, Lopes Vieira deixa registado, para que não sobrem dúvidas, quais as duas fontes primárias, tanto para o seu estudo como para o seu interesse por Rodrigues Lobo: Ricardo Jorge e Carolina Michaelis, talvez uma das primeiras a reconhecer o valor cimeiro do poeta e prosador. Sobre o *problema biográfico*, ao dar o poeta como *enamorado de uma senhora da casa de Vila Real ([...] e sobre o qual ora se bordaram fantasias sem consistência, ora se dispararam negativas irritadas [...]*, Vieira, 1940: XIX-XX), lista e dá o devido relevo às objeções de Ricardo Jorge, sem se excluir a inscrever a riqueza interpretativa que tal episódio biográfico (impossível de creditar factualmente ou afastar como falso) dá ao leitor do passado/presente e futuro da poesia de Rodrigues Lobo:

[...] Ainda assim, será tão pobre como isso a sugestão que essa leitura nos pode dar? Não será lícito entrever na *Pastora do bosque defendido* – figura feminina principal da novela – a viva alusão a um amor perigoso e ousado? Essa Pastora do bosque diferencia-se de todas as outras que enxameiam na novela, as Alteias, Liseias e Tirseias. [...] (Vieira, 1940: XXV)

Claramente arrastado pela sua sensibilidade poética, o crítico Lopes Vieira encontra um lugar próprio para o poeta Rodrigues Lobo, que a sua antologia vai tentar trazer à luz:

[...] O lugar de Francisco Rodrigues Lobo nas Letras portuguesas é o de um quinhentista que viveu no século XVII, isto é, o de um poeta que ainda colheu no grande século o melhor da sua escola e conseguiu guardar-se dos perigos do classicismo degenerado. Primeiro, a linguagem. A de R. L. é de primorosa qualidade, já num tempo em que a perversa arte de escrever levaria tantos autores a este desejo maior que todos – *não ser natural*. [...] R. L. fugiu, com efeito, dos atoleiros. É natural à grande maneira de Camões [...] (Vieira, 1940: XLII)

4. A ESCOLHA E SELEÇÃO DAS POESIAS DAS PASTORIS

Roiz Lobo gozou a ventura do aplauso das gentes do seu tempo. A sua feição bucólica foi saudada logo à alvorada. É o próprio informador fr. Manuel Coelho que prevê o sucesso da *Primavera*: “é obra muito curiosa e que há de contentar a muitos”. Contentou, e de tal arte que o moço poeta se tornou célebre dum dia para o outro, crismado logo em Lereno, o heroe da pastoral. [...] Esta *Primavera* floriu em três edições (1601, 8 e 19) durante a vida encurtada do autor, caso que não é frequente em o nosso meio mísero de letras. Na fervura da aceitação lisonjeira buscavam os zoilos deitar a água fria do menospreço; contra estes invejosos ruins saiu ele de vergasta em punho nas sátiras das églogas. Mais tarde ao meter-se em segunda edição, alude aos que contrariaram a primeira, aborrido já de arrostar com os censores mesquinhos do livro. “Não me deixou tão enganado o favor com que muitos o receberam, que porfiasse de novo com os que o reprovaram”. E não reeditaria, acrescenta, se não fora para evitar impressão de contrabando, tentada por interesseiros, sinal de que era lucrativo editar a *Primavera*.

Jorge, 1920: 406

O escritor trabalhou apuradamente sobre um exemplar raro da coleção do tio-avô, Rodrigues Cordeiro – a edição de 1723 [cota BML: A-I-7-973]⁸ – que infelizmente se

⁸ Trata-se do exemplar que esteve exposto na BML, aquando da exposição bibliográfica de raridades durante o mês de maio 2021, enquadrada nas Comemorações do Centenário: OBRAS **POLÍTICAS**, MORAES, E METRICAS Do insigne Portugues **FRANCISCO RODROGUES LOBO**, Natural da Cidade de Leyria. Nesta ultima impressão novamente correctas, e postas por ordem. **OFFERECIDAS** A’ MAJESTADE SEMPRE AUGUSTA SO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL d. **JOAÕ V.** NOSSO SENHOR. **LISBOA ORIENTAL**, Na Officina FERREYRIANA. **MDCCXXIII**. Com todas as licenças necessárias. E privilegio real. [A-I-7-973] [carimbo de Rodrigues Cordeiro] [na folha de guarda aparece um recorte da ed. da Coleção de Clássicos Sá da Costa | Francisco Rodrigues Lobo | POESIAS | Livraria

encontra para restauro, mas a que tive acesso e comprovei conter as marcas características do rigor de investigação e notações coloridas e numéricas dos poemas selecionados e emoldurados. Assim, procurei encontrar a localização de cada um dos poemas escolhidos, seguindo a edição de 1774, correspondência que se pode encontrar na tabela seguinte:

ELEGIAS E CANÇÕES (metro italiano, de medida nova)	pp.	FONTE
Já nasce o belo dia SEXTINAS	1	Primavera (1. ^a parte, floresta 1. ^a) [*pp. 2-4: at. Ortográfica e pontuação]
Já vai fugindo o dia OITAVAS	4	Primavera (1. ^a parte, floresta 9. ^a) [*pp. 85-6: at. Ortográfica e pontuação]
Noite escura ESTROFES DE 13 VERSOS	6	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, jornada 10. ^a) [**pp. 294-6: at. Ortográfica e pontuação; que/de; não/-; seu eixo/o céu: vás/vais; por ti perdi/perdi por ti; contigo/comigo]
[Adeus de Lerenó ao Lis] (<i>Fermoso rio Liz, que de contente</i>) TERCETO	8	Primavera (1. ^a parte, floresta 12. ^a) [*pp. 117-120: at. Ortográfica e pontuação]
[Lerenó desterrado] (<i>Sai o Sol desejado</i>) OITAVAS	13	Primavera (2. ^a parte, floresta 2. ^a) [*pp. 137-140: at. Ortográfica e pontuação; vem/vai]
[Saudades do Mondego] (<i>Por onde entre penedos e aspereza</i>) OITAVAS	17	Primavera (3. ^a parte, floresta 1. ^a) [*pp. 241-5: at. Ortográfica e pontuação]
[Canção em diálogo] (<i>Cante, Amor, teus poderes</i>) OITAVAS	23	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 4. ^a) [**pp. 44-6: at. Ortográfica e pontuação; seu/-]
[História do pastor Peregrino] (<i>Fui já pastor, e agora peregrino</i>) TERCETOS	27	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 3. ^a) [**pp. 27-35: at. Ortográfica e pontuação]
[Canção de Lerenó às Serranas] (<i>Serranas venturosas</i>) SEXTINAS	34	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 2. ^a) [**pp. 14-6: at. Ortográfica e pontuação; onde/aonde]
[Canção do pescador] (<i>Colhendo ruivas conchas dentre a areia</i>) TERCETOS	36	Primavera (3. ^a parte, floresta 4. ^a) [*pp. 270-2: at. Ortográfica e pontuação]
[Elogio da vida campesina] (<i>Ninguém de sua sorte está contente</i>) CANÇÃO LIVRE / SILVA	40	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, jornada 7. ^a) [**pp. 252-8: at. Ortográfica e pontuação; carneiro/carniceiro;

Sá da Costa – ed Lisboa, 24, L. do Poço Novo] [2.^o recorte com Dedicatória: “À terra natal do poeta ... esta obra de poesia” | esta é a marca evidente que se tratou da edição fonte de trabalho de ALV].

		enzinha/azinheira; -/o; ao/o; armar/amar]
Prisão suave e branda SEXTINAS	47	O Desenganado (2.^a parte, discurso 8.^o) [***pp. 204-6: at. Ortográfica e pontuação; labirinto/labarinto]
[História do Sileno] (... <i>Vejo chegando andar sobre a corrente</i>) OITAVAS	49	Primavera (1.^a parte, floresta 2.^a) [*pp. 17-19: at. Ortográfica e pontuação]
Negros cabelos OITAVAS	52	O Desenganado (1.^a parte, discurso 7.^o) [***pp. 83-5: at. Ortográfica e pontuação; melancolia/malenconia]
[Carta de Liseia] (<i>A ti, Lereño ausente, em cuja vida</i>) TERCETOS	54	Primavera (2.^a parte, floresta 8.^a) [*pp. 215-219: at. Ortográfica e pontuação; a este/deste]
[Regresso do Pastor Peregrino] (<i>Sereno e manso rio</i>) ESTROFES DE 13 VERSOS	59	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 8.^a) [**p. 267-9: at. Ortográfica e pontuação]
[Carta da Pastora do Bosque] (<i>A causa principal de teu desterro</i>) TERCETOS	62	O Pastor Peregrino (2.^o livro, 11.^a jornada) [**pp. 304-8: at. Ortográfica e pontuação; por/a quem; o/do: seguir/fugir; serras/feras]
[Oitavas] (<i>Descobre novo mundo o pensamento</i>)	68	Primavera (1.^a parte, floresta 11.^a) [*p. 108: at. Ortográfica e pontuação]
SONETOS (metro italiano, de medida nova)	pp.	FONTE
Fermoso rio Lis, que entre arvoredos	70	Primavera (1.^a parte, floresta 11.^a) [*p. 103: at. Ortográfica e pontuação]
Vou a falar, e Amor não mo consente	71	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 2.^a) [**pp. 195-6: at. Ortográfica e pontuação; -/que; -/a]
Se emudece no mal o sentimento	72	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 5.^a) [**pp. 238-9: at. Ortográfica e pontuação]
Águas que, penduradas desta altura	73	Primavera (2.^a parte, floresta 1.^a) [*p. 130: at. Ortográfica e pontuação; caminhareis/caminhais]
Penhores que já fostes algum dia	74	O Pastor Peregrino (1.^o livro, jornada 8.^a) [**p. 113: at. Ortográfica e pontuação]
Altivos pensamentos que tomastes	75	O Pastor Peregrino (1.^o livro, jornada 1.^a) [**p. 2: at. Ortográfica e pontuação]
Que amor sigo? Que busco? Que desejo?	76	Primavera (2.^a parte, floresta 9.^a) [*pp. 227-8: at. Ortográfica e pontuação]

Fermosos olhos, quem ver-vos pretende	77	Primavera (2. ^a parte, floresta 4. ^a) [*p. 170: at. Ortográfica e pontuação]
Se alguma hora o desejo de atrevido	78	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 10. ^a) [**p. 135: at. Ortográfica e pontuação; que/qual; da/do; dos/de]
Inimiga cruel, despiadosa	79	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 9. ^a) [**p. 118: at. Ortográfica e pontuação]
Bens, como vos crerei, se estou sonhando?	80	O Desenganado (1. ^a parte, discurso 3. ^o) [***pp. 35-6: at. Ortográfica e pontuação]
Mil anos há que busco a minha estrela	81	Cancioneiro de Fernandes Tomás (Ricardo Jorge)
Fermoso Tejo meu, quão diferente	82	Cem melhores poesias líricas da língua portuguesa (Carolina Michaelis de V.)
A coroa de louro, murta e flores	83	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, jornada 12. ^a) [**p. 118: at. Ortográfica e pontuação; os/aos; contra/conta; postos/gestos]
REDONDILHAS (metros peninsulares, de medida velha)	pp.	FONTE
[Lereno presente o amor] (Tristezas, pois me buscais) CANTIGA/OITAVAS	84	Primavera (1. ^a parte, floresta 3. ^a) [*pp. 21-2: at. Ortográfica e pontuação e 2. ^a estrofe transformada de oitava em septilha, com omissão do 5. ^o verso <i>Porém não trazeis sinais</i>]
[Versos num cajado] (Dormindo mais descuidada) QUADRAS	85	Primavera (1. ^a parte, floresta 3. ^a) [*p. 25: at. Ortográfica e pontuação]
[Lereno ao seu rebanho] (Desconheceis-me, meu gado) ROMANCES	86	Primavera (1. ^a parte, floresta 3. ^a) [*pp. 26-7: at. Ortográfica e pontuação]
[No tronco de um álamo] (Mudas plantas, quem não crê) QUADRAS	88	Primavera (1. ^a parte, floresta 11. ^a) [*p. 109: at. Ortográfica e pontuação]
[Primeira carta de Liseia] (A ti, guardador perdido) ROMANCE	88	Primavera (1. ^a parte, floresta 5. ^a) [*pp. 40-2: at. Ortográfica e pontuação; coisa/causa; só/já; ouve/houve]
[Canção de Lereno] (Pelo fragoso da serra) VERSOS DE 7 E 4 E 3 SÍLABAS	92	O Desenganado (2. ^a parte, discurso 9. ^o) [***pp. 219-23: at. Ortográfica e pontuação; - Amor/o amor; - amor/de amor]
Endechas (Vão subindo as ondas) QUADRAS	96	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, jornada 7. ^a) [**pp. 258-9: at. Ortográfica e pontuação]

[Cantiga de pastora] (Todos conhecem meu mal) OITAVAS	98	Primavera (1.^a parte, floresta 10.^a) [*pp. 89-91: at. Ortográfica e pontuação; ande/aonde]
Endechas (Pastora do verde) QUADRAS	99	Primavera (2.^a parte, floresta 7.^a) [*p. 200: at. Ortográfica e pontuação; lince/livre]
[Em honra dos desposados] (Amor que, trás tantos danos) QUADRAS	101	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 10.^a) [**pp. 289-91: at. Ortográfica e pontuação; traz/trás; vivas/vivais; nos/dos; hum/dum]
Endechas (Esperança minha)	103	Primavera (3.^a parte, floresta 5.^a) [*pp. 287-8: at. Ortográfica e pontuação]
[Cantiga marinha] (Ferindo o Sol sobre as ondas) ROMANCE	105	O Pastor Peregrino (1.^o livro, jornada 5.^a) [**pp. 54-7: at. Ortográfica e pontuação; indignadas?/inclinadas; mór/mar]
Endechas (Quem dorme, descansa)	109	Primavera (2.^a parte, floresta 4.^a) [*pp. 162-3: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas (Quem vive em descudo)	111	Primavera (2.^a parte, floresta 5.^a) [*p. 181: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas de pastora (Desperta, pastor)	111	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 9.^a) [**p. 284: at. Ortográfica e pontuação; traz/trás]
Endechas (Nisa, os teus amores)	114	O Desenganado (1.^a parte, discurso 9.^o) [***pp. 97-8: at. Ortográfica e pontuação; numa/de uma]
Uma fermosa Serrana VERSOS DE 7, 4, 3 E 2 SÍLABAS	116	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 1.^a) [**p. 186-9: at. Ortográfica e pontuação; vê/-; dos/de; sois/só; quebrar/quebrara; deitar/deitara; eu/-]
Endechas (Venturoso dia)	121	Primavera (3.^a parte, floresta 8.^a) [*pp. 316-7: at. Ortográfica e pontuação; sem a 8 ^a e 9 ^a quadras]
Cantiga (Disse Inês que me queria) 1 TERCETO / 4 SEPTILHAS	123	O Desenganado (1.^a parte, discurso 10.^o) [***pp. 109-10: at. Ortográfica e pontuação; a im/assim; e/logo]
Endechas (Leríope bela)	124	O Pastor Peregrino (2.^o livro, jornada 7.^a) [**p. 250-1: at. Ortográfica e pontuação; do/ao; o/ao]
Cantiga (Ando perdido entre a gente)	127	Primavera (3.^a parte, floresta 2.^a) [*p. 251: at. Ortográfica e pontuação]
[História de Florício] (Deidades da espessura) ROMANCE / QUADRAS (45)	128	Primavera (2.^a parte, floresta 6.^a) [*pp. 184-193: at. Ortográfica e pontuação; sabereis/sabeis; jugo/juro; de /-]

[Pergunta e respostas] (Quem ama sem esperança?) QUINTILHAS	140	Primavera (2. ^a parte, floresta 7. ^a) [*pp. 206-6: at. Ortográfica e pontuação; se cura/secara; fim/sim]
Endechas (Pelo vale abaixo)	142	Primavera (3. ^a parte, floresta 7. ^a) [*p. 308: at. Ortográfica e pontuação]
Cantiga (Fartai-vos de ver, meus olhos)	143	Primavera (2. ^a parte, floresta 3. ^a) [*pp. 160-1: at. Ortográfica e pontuação: fraldilha/fraldinha]
Vilancete (Vai o rio de monte a monte)	144	Primavera (1. ^a parte, floresta 5. ^a) [*p. 45: at. Ortográfica e pontuação]
Cantiga (Zagala, os teus olhos)	145	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, jornada 10. ^a) [**pp. 292-3: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas (Vão-se meus amores)	146	O Pastor Peregrino (2. ^o livro, 4. ^a jornada) [**pp. 228-9: at. Ortográfica e pontuação; -mos/-nos; a/esta]
[Cantiga de pastora] (Quis bem quando não sabia)	147	Primavera (3. ^a parte, floresta 3. ^a) [*p. 261: at. Ortográfica e pontuação]
[Cantiga de resposta] (Coração, olha o que queres)	148	Primavera (3. ^a parte, floresta 3. ^a) [*p. 262: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas (Verdes aveleiras)	149	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 7. ^a) [**pp. 89-90: at. Ortográfica e pontuação]
Cantiga (Muitos amos enjeitei)	151	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 4. ^a) [**pp. 42-3: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas (Quem pôs seu cuidado)	152	Primavera (1. ^a parte, floresta 1. ^a) [*pp. 10-11: at. Ortográfica e pontuação]
Relva vestida de flores DÉCIMAS	155	Primavera (2. ^a parte, floresta 1. ^a) [*pp. 122-4: at. Ortográfica e pontuação; consente/contente]
Endechas (Esquiva serrana)	159	Primavera (1. ^a parte, floresta 8. ^a) [*pp. 66-8: at. Ortográfica e pontuação; tão/-]
[Cantigas coimbrãs] (Mancebo do prado)	161	Primavera (2. ^a parte, floresta 1. ^a) [*pp. 132-3: at. Ortográfica e pontuação]
Endechas (Olhos graciosos)	163	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, jornada 2. ^a) [**p. 22: at. Ortográfica e pontuação]
Cantiga (Por passos sem esperança)	164	O Pastor Peregrino (1. ^o livro, 5. ^a jornada) [**p. 62: at. Ortográfica e pontuação]

[Adeus a Coimbra] (A Deus águas cristalinas)	165	Primavera (2.^a parte, floresta 10.^a) [*pp. 233-5: at. Ortográfica e pontuação; que em/quem]
Cantiga (Descalça vai para a fonte)	169	Éclogas, X [***pp. 370-1] [****pp. 245-7: at. Ortográfica e pontuação]
Cantam as Serranas (Donde vem Rodrigo?)	170	Éclogas, X [***pp. 372-3] [****pp. 248-50: at. Ortográfica e pontuação; colhe/colha; - erua/a erva]
Cantiga (Antes que o sol se levante)	172	Éclogas, X [***pp. 376-7] [****pp. 254-5: at. Ortográfica e pontuação; duuido/duvida; - olhe/a olhe]

De uma forma obsessiva, ou não, Lopes Vieira devolve-nos – dos 74 poemas presentes na antologia – 37 da *Primavera*, 26 de *O Pastor Peregrino*, 6 de *O Desenganado*, 3 de *Éclogas* e 1 do *Cancioneiro de Fernandes Tomás*, de acordo com atribuição autoral por Ricardo Jorge, e mais 1 de acordo com atribuição de Carolina Michaelis, como mostra a tabela seguinte:

Ed. <i>POESIAS de FRL, de ALV</i> (1940)	<i>OBRAS POLÍTICAS, E PASTORIZ DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO. Nesta presente edição correctas, e 19scrupulosamente emendadas. Na offic. De Miguel Rodrigues. Com licença da Real Meza Censória. 1774.</i>	%
74 poemas	Tomo II*. <i>Primavera</i> . [D-68-3-65]	37 (50%)
	Tomo III**. <i>O Pastor Peregrino</i> . [D-68-3-66]	26 (35,13%)
	Tomo IV***. <i>O Desenganado</i> . [D-68-3-64]	6 (8,10%)
	<i>ÉCLOGAS. Conforme a edição princeps</i> (1605). Introdução e notas de José Pereira Tavares (1928). [A-Z-9-20]	3 (4,05%)
	<i>Cancioneiro de Fernandes Tomás</i> (Ricardo Jorge)	1 (1,35%)
	<i>Cem melhores poesias líricas da língua portuguesa</i> (Carolina Michaelis de Vasconcelos)	1 (1,35%)

Até 1774, a obra pastoril inaugural, *Primavera*, tinha tido pelo menos 10 edições identificadas (1601 (1.^a) | 1608 (2.^a) | 1619 (3.^a) | 1635 | 1651 | 1670 | 1704 | 1722 | 1723 | 1774), provando ser uma das obras pastoris com maior sucesso junto do público leitor. Lopes Vieira afirma também que é das mais naturais e mais poéticas – optar por

transcrever 50% de poemas da *Primavera* na sua antologia afigura-se o mais lógico. Aliás, não faz mais do que corroborar na sua prática de crítico literário, o que, à sua maneira, Ricardo Jorge já tinha afirmado, e depois Lourdes Belchior acentuará:

Agora na *Primavera* os trechos poéticos sucedem-se com uma profusão nunca vista, chegando a dar a ilusão de que a prosa não passa de pretexto para a inclusão do verso. Tem-se discutido para os bucolistas de mais nome os méritos relativos em verso e prosa. [...] A maior glória da *Primavera* está na parte métrica; a prosa é como que liga coríntias a encastoar uma riquíssima joalharia de gemas líricas. (Jorge, 1920: 255)

O que à primeira vista impressiona, quando se folheia o livro, é a abundância de poesias ali insertas. Depois, no decorrer da leitura da novela nasce, muitas vezes, a impressão de que a prosa é apenas arranjo ou ligação entre as poesias, de modo a embrechá-las oportunamente numa sequência de episódios. / Há na *Primavera* mais de 150 composições poéticas (exactamente 169), sendo algumas delas muito longas. E estabelecida a contagem das páginas de prosa e das de verso, resulta que o número destas é grande (em 122 páginas, que é o número das da novela, há, aproximadamente, 71 de prosa e 51 de verso). [...] (Belchior, 1985: 113-4)

Na sequência, *O Pastor Peregrino* tinha tido sete edições até ao fim do século XVIII (1608 (1.^a) | 1618 (2.^a) | 1651 | 1670 | 1721 | 1723 | 1774), e *O Desenganado* seis edições (1614 (1.^a) | 1651 | 1670 | 1721 | 1723 | 1774). Estas obras ocupam, respetivamente, 35% e 8% das seleções e revelam alguns ‘barroquismos’ de linguagem já presentes. *As Églogas*, com 3 edições (1605 (1.^a) | 1723 | 1774), foram provavelmente as menos amadas por um público desejoso da ambiência da novela; no entanto, ou talvez por isso mesmo, Lopes Vieira colhe aí 4% do material poético. Os tributos de 1,35% a duas composições poéticas, restituídas pelos mestres Ricardo Jorge e Carolina Michaelis a Rodrigues Lobo, constituem a marca da honorabilidade do escritor e do crítico perante o meio literário em que viveu.

Lopes Vieira conhecia o juízo crítico de Ricardo Jorge sobre as obras pastoris, sintetizado nestes parágrafos:

[...] A obra de arte capital do Lobo, a que lhe estereotipou o nome na imortalidade literária, foi a trilogia da *Primavera* (1601), *Pastor Peregrino* (1608) e *Desenganado* (1614).

Era a inflorescência mais refinada e culta do bucolismo – a novela pastoral, género da mais alta cotação no mercado das letras no período quinhentista e post-quinhentista, e tipo representativo da arte peninsular do renascimento que daqui se difundiu por essa Europa fora, exercendo uma hegemonia literária das mais profundas e duradouras. Esse ciclo pastoral tem, senão por creadores, por instauradores os portugueses primeiro e os espanhóis depois; entre eles, numa pre-excelência que críticos da melhor nota não deixaram de visar, o bucólico do Lis.

A novela pastoral era um romance idealista da vida aldeã, figurada / na idade de ouro: pastores de surrão e cajado, pastoras de vasquinha e beatilha, tecem e destecem intrigas de amores; lutam os corações na palpitação contínua do frenesi erótico, sempre no tom da ternura, da melancolia, da saudade, e dos zelos, sem se desmandarem em vias de facto carnis ou sangrentas; ali não entra a licenciosidade, porque o amor só reina platonicamente, nem há outra tragédia senão a da paixão amarga e triste dos malogrados, que desandam às vezes em orates; o cenário é o da paisagem silvestre com a comparsaria dos rebanhos da pastura; os episódios são as lutas e as justas pastoris; as vozes das personagens a da prosa melíflua, entremeada ao som de rabel e samponha, de cornamusa e adufes.

Prato ensosso e até enjoativo para os paladares de hoje, fez as delícias de gerações sucessivas que nela encontravam a mais aprazível leitura [...] (Jorge, 1920: 201-2)

A pergunta a desbravar é: que revelam as escolhas de 74 poemas deste romance em trilogia idealista da vida aldeã e se pretenderam ou não transformar Rodrigues Lobo num poeta autónomo, sem as amarras do servilismo novelístico.

5. O BUCOLISTA DA NATUREZA

Botânico sentimental e ornamental, dá representação individualizada às plantas; registro a menção de mais de cinquenta espécies da flora indígena. De essências florestais, as árvores de fundo bucólico: o salgueiro, a faia, o amieiro, o álamo, o olme, o choupo, o sobreiro, o cipreste, o freixo, a enzinha, o carvalho, o azambujeiro, o pinheiro. De árvores de fruto: a predilecta aveleira, o castanheiro, a pereira, a cerejeira, a laranjeira, a parreira, a figueira. De arbustos: o sagrado loureiro, a novigueira, a giesta, a arneda, a hera, a murta, a arruda, o tojo, a silva, a cana. De ervas do prado: a cidreira, a borragem, o rosmaninho, a macela, o oregão, o feto, a avenca, a douradinha, a língua-cervina, o orjavão, o musgo, o manjeriço, a espadana, a valeriana, a tageda. De flores, uma gama odorífera e cromática: a viola, a rosa, o malvaíscio, a madre-silva, a alcachofra, o malmequer, a bonina, a artemisia, o jacinto, o lírio, o junquilha, a açucena, o cravo, a cravelina, o nenúfar, etc. [...]

Jorge (1920: 244-5)

Lopes Vieira vai em busca da predominância da natureza, das graças da terra, do sentimento das almas rústicas e dos retratos (bucolicamente artificiais...) do feminino, para concluir, no seu 'Prefácio':

[...] R. L. descendia do Classicismo e da Universidade de Coimbra. Não foi, porém, em vão para a beleza da Poesia que R. L. viveu muito perto da terra e habitou aqueles *matos*: de todos os bucolistas foi o menos bucolista de salão. Talvez que só para ele 'Ceres, loura, amorosa e branda' tivesse o significado real que não podia ter para os que só logriariam descrever, de cor, copiando Virgílio, a graça fecunda das searas.

O gosto sempre seguro de Garrett soube notá-lo, dizendo que lhe pertence 'um dos primeiros lugares (eu quisera o primeiro) entre os bucólicos antigos'. [...] (Vieira, 1940: L)

Notável esta aproximação à visão crítica do *ídolo romântico* Garrett, como alavanca de mestre e pilar para cimentar o lugar de Rodrigues Lobo na nossa história da literatura. Muito do que vamos buscar para nos certificar, acaba por revelar as nossas preferências mais profundas e os ideais que nos formaram. E Ricardo Jorge também já o tinha escrito à sua maneira:

[...] é, e por muito, o mais bucólico de todos os bucolistas. Esta feição realista vem, antes de mais, de não precisar contrafazer-se para se dar ares de aldeão. Os outros são rústicos postíços; ele é-o *de verdade*. Vive no campo e gosta do viver campestre. [...] (Jorge, 1920: 236)

Pessoalmente, reli com muito prazer o ensaio de Maria de Lourdes Belchior, de 1959 (reeditado em 1985), *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*, de pendor estilístico; muito do que lá encontrei comprova algumas das leituras intuitivas feitas por Lopes Vieira e tantas das suas escolhas:

[...] Na criatura de arte, que o poema é, deverão considerar-se, fundamentalmente, duas ordens de valores: a dos valores da tradição e a dos valores da criação individual. É no 'tesouro' dos valores tradicionais que o poeta encontra material e expressão para o seu dizer. O seu dizer, próprio, incomunicável na íntegra, forma-se com os valores poéticos tradicionais e a *partir* deles. Isto significa que, mais ou menos conscientemente, todo o poeta se exprime obedecendo a uma prévia adequação do que diz ao modo como se diz. Esta adequação, de compromisso, é aceite por sucessivas gerações literárias e constitui o núcleo mais importante da tradição. [...] O poeta que escreve no século XVI ou XVII encontra constituídos determinados géneros, e até determinados sistemas estróficos, que lhe são exteriores, tão exteriores e alheios quase, como as fórmulas-feitas que vai incorporar no seu dizer poético. Há, no entanto, uma escolha, uma eleição, significativa;

o poeta expressar-se-á, servindo-se, voluntariamente, da elegia ou do soneto, da ode ou da canção. [...] (Belchior, 1985: 4-5)

Na tabela apresentada (no ponto anterior), é fácil perceber que os sistemas estróficos exteriores foram rótulos importantes para as escolhas e sequências dos poemas: ELEGIAS E CANÇÕES (metro italiano, de medida nova); SONETOS (metro italiano, de medida nova); REDONDILHAS (metros peninsulares, de medida velha). Lopes Vieira deixou as raízes da nossa poesia; porém, não escondeu a sua preferência pelas medidas que o Renascimento se tinha já encarregado de fazer amadas do público leitor.

Assim, o vocabulário das 18 composições de elegias e canções concentra-se (como bem mostrou Lourdes Belchior) na natureza da flora campestre, o que transforma Rodrigues Lobo num dos primeiros paisagistas naturais e ‘ambientalistas’ regionais: floridos raminhos; prado; boninas; águas prateadas; penedos; arvoredos; praia; álamo; faia; freixo; salgueiro; ulmo; aveleira; loureiro; alvos seixos; monte; serra; largas campinas; outeiros; ervinhas; tenra verdura; fonte pura; ondas; mar; verde louro; Liz; relva verde; floresta; flores; campos; rio; branca areia; ribeira; mirto; montanha; musgo; vales; mil árvores; ladeiras incultas; pinheiros; espessura; plantas; pastos; Lena; rocha; Mondego; Tejo; Alva; cova; oliveira; matas; erva cidreira; junquilha; viola; roseira; malvaíscos; madressilva; jacinto; jardim; choupos; castanheiros; cerejeiras; pedras; louro trigo; fértil espiga; grão; azinheira; tojos; fresca rosa; branca cecém; rochedos; Guadiana; Minho; Douro...

A presença da fauna campestre é facilmente identificável (aves namoradas; peixes; gado; cabritinhos; rouxinol; passarinhos ledos; carneiros; feros animais; ovelhas; cordeirinhos; lince; lapas; bois; manso rebanho; cordeiros; vacas; touro; ouriços espinhosos; cabras...), assim como as personagens e suas profissões mais ou menos campesinas (pastores; ovelheiros; pegureiros; vaqueiro; peregrino; pastora; caminhante; caça; serranas; pescador; soldado; cortesão; lavrador; navegante; capitão...).

A beleza feminina, estereotipada, é associada às pastoras-Ninfas-semideias (Diana, triste Filomena, Marília, Dionisa, Cimeia, Aulisa, Belisa, uma Deusa/pastora dos bosques, Dinopeia, Ceres, Liseia): olhos cheios de graça e lindeza, boca rasgada em alto graciosa, modesta, grave, firme, queixosa de Amor, livre, ingénua, honesto e brando movimento, fermosura, suspiros saudosos, saudade, cabelo crespo e louro, rosto de neve, cor rosada, vida doce e contente, loura, amorosa, branda, amorosos cabelos, trança, alma; ais...

Arrisco-me a afirmar que a seleção feita por Lopes Vieira dos poemas de Rodrigues Lobo mostra ao leitor a reconstituição da intriga da trilogia narrativa de Lereno, feita à luz da interpretação do poeta do séc. XX. Começa com uma introdução espacial (*Já nasce o belo dia, Já vai fugindo o dia e Noite escura*), numa clara antecipação do trágico desterro do protagonista (*Adeus de Lereno ao Liz, Lereno desterrado, Saudades do Mondego*), com explanação dos seus problemas amorosos (*Canção em Diálogo, História do pastor peregrino*) e tentativa de encontrar lição na infelicidade amorosa pessoal e passá-la aos outros ou compará-la com histórias idênticas (*Canção de Lereno às Serranas, Canção do pescador, Elogio da vida campesina, Prisão suave e branda, História do Sileno, Negros cabelos*). Finalmente, parece dar-se a ler um final feliz (*Carta de Liseia, Regresso do pastor peregrino, Carta da pastora do bosque*), mas as oitavas finais dão-no como ilusão da imaginação:

Contra o fingido bem da glória humana
Tudo se arma, se esforça e se conjura,
O tempo à esperança sempre engana,
Põe o desejo a vida em a ventura;
Amor, que a sua força fez tirana
Numa imaginação que se afigura,
Faz venturoso o mal que se padece,
Mas logo no melhor desaparece. (Vieira, 1940: 69)

Já os 14 sonetos, cuidadosamente escolhidos, apresentam as contradições amorosas, herdadas de Petrarca e Camões, que se evidenciam, embora as emoções sejam emolduradas numa paisagem campestre, como é o caso paradigmático de “Fermoso rio Lis, que entre arvoredos”, “Águas que, penduradas desta altura” ou “Fermoso Tejo meu, quão diferente”. *A sujeição de Amor* ou as *leis de amor* não é por serem conhecidas que se transformam em poder da razão capaz de libertar o poeta dos sofrimentos, e a posição do objeto amado, enquanto sujeito emotivo, também em nada ajuda (“[...] Se dos suspiros meus tanto se ofende / Quem é a causa deles, que esperança / Terei de a merecer com meus cuidados? [...]”, Vieira, 1940: 71).

O poeta vive acabrunhado – até acabar *desenganado* – o seu *mal de amor* na solidão (“[...] Vede o mal, que da fé Amor me ordena / [...] / Até no imaginar fiquei covarde!”, *idem*: 72; “[...] Reinou, porém morreu minha esperança, / Ardei, que vive e reina o desengano!”, *idem*: 74; “[...] Que na pena maior de meu cuidado, / Bem sei que outrem ninguém pode valer-me [...]”, *idem*: 75; “[...] É certo e verdadeiro meu tormento: / Eu morro do que vi, do que imagino.”, *idem*: 76; “[...] A perda de não ver-vos não se entende; [...]”, *idem*: 77; “[...] Porém caindo em mãos do desengano, / Como pedra que ao centro se avizinha, / Me ofende com mor força o sentimento. [...]”, *idem*: 78; “[...] Ou me mata, ou me deixa, ou me despreza, / Perde-me já da vista, ou da memória, [...]”, *idem*: 79; “[...] Não pareceis, mas pareceis enganos; / Não me desesperais, mas nada espero, / Não me atemorizais, mas eu receio. [...]”, *idem*: 80; “[...] Já não espero haver alcance dela / Senão depois da vida rematada, [...]”, *idem*: 81; “[...] Tu tornarás a ser quem eras de antes, / Eu não sei se serei quem de antes era.”, *idem*: 82; “[...] Se faça eterno o nome de Lerenó; / Seus versos cante Amor, seus gestos conte, / Tornando em glória a pena de seus males.”, *idem*: 83).

Não terá sido por acaso que Lopes Vieira escolheu, maioritariamente, poemas de *Primavera*, dando-nos a ler uma visão do poeta fora do seu século seiscentista e gongorista – *de todos os bucolistas [...] o menos bucolista de salão* (Vieira, 1940: L) – um indefetível camonista. E nisso Ricardo Jorge e Lourdes Belchior voltam a estar de acordo:

Ora na *Primavera* a presença de Camões é dominante, quer nas composições de metro italiano, quer nas de metros peninsulares. O poeta mantém-se fiel à ‘tópica’ do amor cortês e aqui e além acusa a influência de Sannazzaro (como na fábula de Sileno e em outras composições). [...] Teria composto em saraus de alguma corte fidalga [Penacova? Vila Viçosa?], poesias para entretenimento de damas? E a *Primavera* terá sido, em parte ou totalmente, novela escrita para ser lida em saraus ou assembleias? O que não sofre contestação é haver na *Primavera* poesia depuradíssima de toda a espécie de ganga e ‘da mais bela que tem produzido a lírica portuguesa’ [Jorge, 1920: 254]. [...] (Belchior, 1985: 314)

No grupo final de 42 composições poéticas incluídas nas redondilhas (metros peninsulares, de medida velha), maioritariamente repartidos em cantigas e endechas, Lopes Vieira não abandona a linha narrativa que julgo ter seguido na primeira parte, quando escolheu as elegias e canções de metro italiano. Veja-se o que deixa explícito na primeira nota-de-rodapé que acompanha a composição inaugural, intitulada ‘Lereno presente o amor’:

É aqui que começa, desenrolando-se nas seis primeiras composições das Redondilhas, o romance de Lereno do qual, nas Elegias e Canções deste volume, ficaram outras composições relativas a episódios da mesma acção já em pleno desenvolvimento. Quem for amador de poesia gostará de seguir cronologicamente estas jornadas líricas. [...] (Vieira, 1940: 84)

No fundo é a história de Lereno – contada e recontada – que continua a ser o grande motivo impulsionador para a leitura, independentemente da aceitação da visão biografista: este parece ter sido o núcleo que fez ganhar a Rodrigues Lobo a glória de ser lido entre os seus contemporâneos, e há de continuar a ser o fio condutor da leitura 4 séculos depois, com o mistério da decifração cada vez mais oculto. Precisamente sobre esta temática se ergue o erudito ensaio de Selma Pousão-Smith (2008) *Rodrigues Lobo*,

os *Vila Real e a estratégia da dissimulatio*, que não resisti a compulsar, mas cuja lógica cabalística tenho dificuldade em assimilar⁹.

Para mim, o mais importante é que neste bloco de poemas os motivos predominantes continuam a ser a natureza, as graças da terra, os sentimentos das almas rústicas e os retratos do feminino (mais ou menos distantes dos artificios do bucolismo). A “Canção de Lerenó” talvez seja o primor desse retrato em que o elogio da figura amada surge sempre fulgurante e enlaçado com pormenores paisagísticos:

[...] O rosto dá claridade, / Fermosura e ser ao dia, / E enche os campos de alegria, / Gosto e graça. / Os cabelos com que enlaça / Os corações mais isentos, / Eram para os avarentos / Ouro fino. [...] (Vieira, 1940: 93-4)

E “Uma formosa Serrana” dá-nos uma das mais realistas e coloridas descrições da pastora de então, bem como a da figura presente na “História de Florício” (ou ainda as das Endechas “Esquiva Serrana”, *idem*: 159-60; ou “Olhos graciosos”, *idem*: 163-4; ou a *Cantiga de Leanor*, *idem*: 169-70; ou a *Cantiga a Vilante*, *idem*: 172-3, pertencendo estas duas últimas composições às *Éclogas*):

⁹ Eis como a autora defende o papel de grande prosador de FRL, com um lugar na história da literatura portuguesa: “[...] A trilogia novelística de Rodrigues Lobo tem sido em geral mal tratada pela crítica nacional. E tem sido mal tratada, tanto quanto se deduz da leitura dessas opiniões, não especificamente por razão de conhecimento profundo e leitura apurada, atenta e renovada, do seu discurso, antes, pareceria, por leitura parcial e desistência dela, até a meio caminho. A sua vastidão (que a fará monótona a alguns), mais ainda, a sua digressiva complexidade fantasma-autobiograficamente referencial e enigmaticamente *aguda*, paraepicamente peripatética e em articulação de *dubia res*, justificadamente argumentada por casos comparativos em *analogia*, encontrou, no século XX, dificuldades junto de um público receptor para quem o paradigma novelístico do século XIX continuava, como base, a ser soberano, e a que só se aceitavam, em desvio, as articulações dos balbuciaros medievo-renascentistas, cavalheiresco-sentimentais ou, ainda para um número mais restrito, as reformulações pós-joyceanas. E, no entanto, hoje mais do que nunca, quando a maioria internacional do romance português parece ser orgulhosamente um facto, a produção novelística de Rodrigues Lobo tem de constituir para todos quantos se dêem à tarefa de a ler (e se possível duas ou três vezes pelo menos) um notável marco de etapa na já longa caminhada da novela/romance em Língua Portuguesa. [...]” (Pousão-Smith, 2008: II, 232).

[...] Uma fraldinha vestida / Trazia ela de pombinho, / Com pespontos um sainho / De arenoso, / Um corpinho mui custoso / De chamalote encarnado, / De veludo debruado / Com pestanas, / [...] / Beatilhas de bengala / Mui singela, / Fita de seda amarela / Que por baixo reluzia, / Que acinte tudo a fazia / Mais fermosa; / Continhas de pau de rosa / Cordão de linhas bem finas, / Garavim com mil boninas / Debuxado, / Capirote alaranjado, / Surrão de branco cordeiro, / Cajadinho de salgueiro / Traz na mão. [...] (Vieira, 1940:117-8)

[...] Brial tinha leonado, / Capirote azul pombinho, / Surrão de peles de arminho / E de sanguinho o cajado. // Tinha fora do surrão / Muitas flores no regaço; / A cabeça sobre o braço / E os claros olhos no chão. [...] (Vieira, 1940: 132)

As ondas, os penedos, as areias, os ventos, os montes e vales, os soutos e campos planos, os mares, as ledas campinas, os outeiros verdes, o prado verde, a serra, as rochas vizinhas, os rochedos, as fontes, a montanha, o rio, o mato... são o vocabulário paisagístico envolvente de todas as composições. Os pereiros, as vides, os trigos, as sementeiras, os abrolhos, as boninas, os malmequeres, a relva, a aveleira, o salgueiro, o tojo, os álamos e sauzes, bastos arvoredos, as pinhas, as castanhas, as faias e choupos, os lírios e flores, o milho: a flora omnipresente neste terceiro bloco. Os carneiros, ovelhas, as marinhas aves, os delfins ligeiros, os tenros cordeiros, as cabras, os bois, os anhos, os rebanhos, o cão danado, a novilha, os lobos guerreiros, os podengos, as feras, as aves, os passarinhos, os rouxinóis, os peixes: a fauna do lugar poético.

Porém, os sentimentos e as emoções dos pastores lamentosos parecem todos encaminhar-se para o fim: o desterro/desengano. Veja-se o poema paradigmático, “Adeus a Coimbra”:

[...] Faça-se o que Amor ordena, / Com direito, ou sem direito, / Té que as brasas deste peito / Faça em cinza a minha pena. // [...] Paguemos culpas de um erro / De que a Amor as culpas punha, / Que uma falsa testemunha / Nos condenou ao desterro. [...] (Vieira, 1940: 166-7)

Não posso deixar de voltar a citar Lourdes Belchior:

[...] Lereno, que é o herói da trilogia pastoral, passa muito tempo a cantar, quase sempre desenganado. Será legítimo fazer aproximações de personagem a autor? Quando, a pedido de outros pastores, canta, a sua sabedoria amarga exprime-se, sobretudo, como

a do autor das *Éclogas*, pelo sentimento agudo da efemeridade da existência e da perfídia da Ventura. [...] (Belchior, 1985: 120)

Em boa verdade, Lopes Vieira deixou o seu primor de investigação todo – ou quase todo... – exposto no Prefácio às *Poesias de Rodrigues Lobo* e nas notas de rodapé.

6. O PREFÁCIO E AS NOTAS DE RODAPÉ

PREFÁCIO: NATURALIDADE E ORIGEM DO POETA. – SEU JEITO DE FIDALGO CAMPESINO. – HONROSA AMIZADE AOS BRAGANÇAS. – PROBLEMA DO CASO AMOROSO; OS VILA-REAIS. – O SEU NACIONALISMO E A INFELIZ JORNADA. – LUGAR DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO NAS LETRAS PORTUGUESAS; O PROSADOR E O POETA. – RAZÃO DESTE LIVRO.

Vieira (1940: XI)

Conhecendo eu, com alguma segurança, a metodologia de trabalho rigorosa de Lopes Vieira, não me surpreendi quando as cuidadoras da BML me mostraram o envelope A-130 (n.º de registo 32088), com 67 páginas manuscritas a grafite e, na sua maioria, numeradas no canto superior direito¹⁰, documento de trabalho em processamento para o que havia de se tornar o Prefácio das *Poesias de Rodrigues Lobo*.

São muitas as frases riscadas e, depois de rasuradas, voltadas a reescrever apenas com a alteração de um simples adjetivo (como exemplo, o ‘fidalgo campesino’ foi antes pensado como *gentilhomem* ou *feudal camponês*); há sempre uma tentativa de diminuir a presença do subjetivismo da *persona* crítica, eliminando o número – julgado excessivo –

¹⁰ O documento encontra-se manuscrito nalguns fólios de verso daquilo que pode ser, com grandes probabilidades, o manuscrito original de *A paixão de Pedro, o crú* (sendo essas, aliás, as folhas que contêm o n.º de registo a grafite). Trata-se de 67 páginas manuscritas a grafite (algumas a tinta preta) e, na sua maioria, numeradas no canto superior direito, do seguinte modo:

[Prefácio | 1-2 | 2A | 3-6 | 6A | 6AA | 7-1 folha sem numeração-8 | 8A | 9-10 | 10A | 11-12-1 folha sem numeração -16 (a tinta preta)- 17 (a tinta preta)-13-14|15-18 | 18A | 19-26-1 folha sem numeração -27-28 | 28A | 29-29A-30-33A-34-34B (a tinta preta) | 20-30-31A |32-33 | 33A | 34 | 34A | 35 | 35A | 36 | 36A | 37-38 | 40 | 48 (a tinta preta) | 48B (a tinta preta)|48BB (a tinta preta)| 49 (a tinta preta)| 50 (a tinta preta) |53 | a) | b)]

de adjetivos ('o seu nacionalismo' deixou de ser *vero*); muita informação é acrescentada nas margens, verticalmente, ou mesmo em folhas numeradas com alíneas que seguem os asteriscos coloridos, numa clara perceção do labor rigoroso de quem está sempre insatisfeito com as informações apresentadas (e que algumas das vezes nem sequer chegam a ser incorporadas no texto final do Prefácio, por conterem alusões à arquitetura da contemporaneidade¹¹); algumas páginas são intercaladas, já autografadas a tinta preta, aparentando ser o resultado de uma 'passagem a limpo' do primeiro esboço a grafite. É nas questões mais técnicas que se mostra mais escrupuloso, retificando e voltando a retificar as fontes da informação.

Reconheço o "Prefácio" de Lopes Vieira como um dos primeiros, senão o inaugural, estudo de crítica literária sobre Rodrigues Lobo e a sua obra. Inicia, com objetividade, uma exposição detalhada dos dados conhecidos – citando as fontes – sobre a biografia do poeta estudado, sem fugir à complexa questão da identificação (dissimulada) de pormenores biográficos na sua obra (e não foi isso que Lopes Vieira ainda fez nas obscuras *Éclogas de Agora*, trezentos e muitos anos depois?).

Porém, o que me parece de reter é a visão do crítico literário Lopes Vieira à procura do 'génio' em Rodrigues Lobo, como se esse fosse o único degrau condigno a sentar e

¹¹ ... poderoso senhorio (a casa - risc.) os marqueses de Vila-Real [seguido de * amarelo que diz noutra fólho, embora esteja risc.: "O paço dos Vila-Reais foi demolido em 1888, por acordo com a Câmara Municipal, (proprietários na cidade - risc.) e substituído por prédios q atestam o gosto mal-aventurado gosto da época. O mestre-de-obras deixou na platibanda do prédio, como (uma nota - risc.) evocação heráldica do paço, (demolido - risc.), uns lises monumentais. O professor alemão Hampt ainda desenhou a pitoresca talhada manuelina e um aspecto da nobre construção q o tempo tinha ido em parte degradando. O desaparecimento deste paço empobreceu não apenas a arqueologia da cidade, mas, o q é mais (grave - risc.) lastimável, a sua atmosfera.] ... apenas sobrepujavam (no reino - risc.) [BML, n.º r. 32088, fol. 7]

fazer admirar os *textos belos – os tómulos sublimes da beleza*. No Prefácio em processamento a que tivemos acesso, isso não acontece na vertente épica:

[9] (XVIII_XIX)

E as (suas risc.) deferências do autor (empregaram-se todas - risc.) empregou-as R. L. nos Braganças.

... génio épico, (q lhe faltou / minguou - risc.) com q o não fadara Deus, ... invocação do (Avô - risc.) avoengo sublime. (- aspiração aliás tão infelizmente diminuída na Jornada (1619) glorificadora do Filipe Castelhana - risc.)

Nem na vertente filosófica, embora aí se aproxime mais da perfeição:

[10] (XIX)

... convivência de (príncipes - risc.) grandes-senhores intelectuais os homens de espírito se (apraziam - risc.) recreavam (eram honrados - risc.), R. L. deve ter-se apurado nas regras q (faziam - risc.) compunham o perfeito gentleman seiscentista, e sobre a prática das quais abriu ainda no seu (Côrte na aldeia - risc.) livro admirável dos Diálogos – a sua obra-prima em prosa.

Será no lirismo – clássico e fora da sua época – que o ‘génio da poesia’ de Rodrigues

Lobo se pode encontrar:

[a] (LIV)

...reunidas (pela primeira vez, - risc.) as poesias esparsas de R. L. – as q mais belas pareceram ao nosso gosto. O grande poeta aparece aqui a toda a altura do seu génio lírico em um livro digno de emparelhar com o das Églogas.

Lopes Vieira retirou a visão do *génio lírico* no Prefácio impresso que chegou até nós, mas os seus autógrafos de trabalho foram capazes de nos mostrar como – colando-se a Garrett e à sua intuição – continuava a acreditar nesse critério infalível. Pela *primeira vez*, foi Afonso Lopes Vieira quem reuniu as *poesias esparsas* de Francisco Rodrigues Lobo, libertando-as da *monotonia* [...], a *enfermidade das Pastorais*.

Se Francisco Rodrigues Lobo atingiu um nível superior de recepção imediata no seu tempo e espaço, como o número elevado de reedições no séc. XVII comprovam, alcançando assim um primeiro momento de grandeza; se o reconhecimento na posteridade, essencial para um segundo nível de grandeza, foi feito por poetas e críticos literários, desde Garrett a Lourdes Belchior; já o terceiro nível de grandeza implicaria um

reconhecimento num ambiente mais amplo, ocupado por Luís de Camões. Lopes Vieira desempenhou um papel fundamental na divulgação do lirismo de Rodrigues Lobo num segundo nível de grandeza, que estava perdido no labirinto da novelística. Para Lopes Vieira o ‘génio da poesia’ não estaria muito longe disto: “[...] O reconhecimento de grandeza seria portanto derivado de uma tradição lapidar, da perpetuação de uma impressão através de grandes monumentos que proporcionalmente comunicam a respectiva grandeza aos autores a que dizem respeito. [...]” (Dionísio, 2016)

Só assim se compreende o orgulho indisfarçável de Lopes Vieira por ter sido o primeiro crítico a divulgar as poesias esparsas de Rodrigues Lobo. E a enquadrá-las com um Prefácio que continua a ser criterioso e cientificamente precioso. Sem que deixe de ser um poeta a ler outro poeta...

Referências Bibliográficas:

- AMARO, Luís (1972). "Correspondência inédita de Afonso Lopes Vieira" in *Colóquio/Letras*, n.º 5, Janeiro, Lisboa, pp. 37-43.
- BARREIRA, Cecília (1986). "Poesias de Israel Ivope restituídas a Afonso Lopes Vieira. Nótulas sobre uma pesquisa" e "Poemas de Afonso Lopes Vieira sob o pseudónimo literário de Israel Ivope" in *Éclogas de Agora* de Afonso Lopes Vieira, Pref. e notas de C. Barreira, Heuris ed., Lx., pp. 69-75 e 77-83.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1985). *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*. Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (1959) reedição fac-similada da 1.ª edição. col. Temas portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DIONÍSIO, João (2016). “Grandeza, génio, transmissão”, *Estranhar Pessoa*, 3, Out. 2016, eds. Rita Patrício, Gustavo Rubim, pp. 45-57.
https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/58ec92a4197aea316e8f26e6/1491899044780/Revista+Estranhar+Pessoa+n3_Grandeza%2C+g%C3%A9nio%2C+transmiss%C3%A3o.pdf
- GARRETT, Almeida (1904). *Bosquejo da História da poesia e da língua portuguesa*. Obras Completas. XXI. Ed. Revista por Teófilo Braga, Lisboa.
- JORGE, Ricardo (1920). *Francisco Rodrigues Lobo. Estudo Biográfico e Crítico*. Coimbra, Imprensa da Universidade. (1999) reedição fac-similada da 1.ª edição. Lisboa, Fenda edições.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1979). "Dois textos sobre Afonso Lopes Vieira" in *Lâmpadas no escuro — de Herculano a Torga — ensaios*, ed. Arcádia, Lisboa, pp. 103-38.

- NOBRE, Cristina (2005). *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e vol. II – *Inéditos*, col. ‘temas portugueses’, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.
- POUSÃO-SMITH, Selma (2008). *Rodrigues Lobo, os Vila Real e a estratégia da dissimulatio*. Vol. 1 e vol. 2. Lisboa.
- SIMÕES, João Gaspar (1974). "I. Afonso Lopes Vieira" in *Retratos de Poetas que conheci. Autobiografia*, Brasília ed., Porto, pp. 17-29.
- ____ (1983). *Crítica V. Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, col. Temas portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VIEIRA, Afonso Lopes (1940). *Poesias de Francisco Rodrigues Lobo*, ed. Sá da Costa, Lisboa.